

COPAS DO MUNDO DE 1978 E 1982: OLHARES NACIONAIS DA REVISTA PLACAR A PARTIR DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar um panorama sobre a cobertura da *Revista Placar* nos torneios mundiais de futebol realizados na Argentina (1978) e Espanha (1982). As representações coletivas desenvolvidas pelos jornalistas a partir da Seleção Brasileira na conjuntura política de ditadura militar em que o país se encontrava ajudam a refletir sobre a relação entre o futebol e a Nação.

Palavras-chave: Copas do Mundo. Revista Placar. Representações coletivas. Nação.

ABSTRACT

The main objective of this article is to present a scenery of the Placar's Magazine coverage on the world tournaments hosted in Argentina/1978 and Spain/1982. The collective representations developed for the journalists through Brazilian national team and the political conjuncture of military dictatorship in that moment on the country help to reflect about the relationship between football and Nation.

Keywords: World Cups. Placar's Magazine. Collective Representations. Nations.

1. Introdução

Conforme o pensamento do sociólogo Pablo Alabarces, a Copa do Mundo de 1978 possui uma ambiguidade intrínseca para a Nação argentina. Ao mesmo tempo que representa o auge do nacionalismo futebolístico no discurso oficial da ditadura comandada pelo general Videla, consolida-se como uma metáfora do silêncio e do que se escondeu.

El nacionalismo futbolístico alcanza su pico en este Campeonato Mundial de 1978. Pero se trata de un nacionalismo en el que podemos acceder a un solo soporte: el discurso oficial. Toda otra palabra en el contexto de la dictadura se queda silenciada. Los testimonios sobre el Mundial que señalan un grado máximo o mínimo de distancia sólo aparecen hacia el final de la dictadura cuando el campeonato comienza a transformarse en una metáfora del ocultamiento y el silencio frente a como, veremos su simbolización como júbilo, festejo y unitarismo en el momento de su realización. (ALABARCES, 2008, p. 120-121)

O historiador Marcos Novaro (2011) descreve a adesão de muitos argentinos, principalmente da classe média e setores conservadores, à ditadura militar e à contracampanha publicitária do “processo”² que tinha como lemas “Defenda sua Argentina” e “Os argentinos são direitos e humanos”.

1 Doutorando em História no PPGHC/UFRJ e Professor dos cursos de Direito e História na Universidade Cândido Mendes (UCAM).

2 O termo processo é utilizado entre vários autores, como Novaro (2011) e Romero (2001), para se referir ao período autoritário (1976-1983).

Ademais, afirma também que a vitória no torneio foi apresentada pelo regime como o maior prêmio na nova onda de modernização do país;

En 1978 comenzaron a regresar al país muchos artistas que habían exiliado antes o poco después del golpe, muchos de ellos perseguidos pela Triple A, y se reinsertaron en los circuitos de teatro, el cine y la televisión. En forma más extendidas las clases medias y altas disfrutaron de una nueva ola de modernización del consumo facilitada por la apertura comercial y el dólar barato. De lejos el más sintomático de estos “premios” con que el régimen invitaba a los argentinos a participar del nuevo orden fue el Mundial de Fútbol realizado en el país a mediados de ese año. (NOVARO, 2011, p. 154)

A participação brasileira no campeonato mundial de 1978 realizado na Argentina era vista com desconfiança na principal revista esportiva do País. Os jornalistas da *Placar* antes de iniciar o torneio faziam críticas futebolísticas ao treinador capitão Cláudio Coutinho com relação à escalação da equipe e às possíveis invenções táticas, como o *overlapping* e o ponto futuro, mas também se referiam implicitamente em diversas reportagens a uma suposta conduta autoritária, originária da sua patente militar.

No caso específico do olhar da *Revista Placar* sobre o mundial disputado na Argentina, é possível identificar críticas veladas ao regime autoritário brasileiro embasadas no que acontecia com a seleção nacional de futebol antes e durante o torneio.

Desde reportagens criticando e denunciando a falta de liberdade de expressão dentro da seleção, passando pelo debate em torno de figuras simbólicas como Rivelino, Reinaldo e Paulo César Caju até a utilização da discussão tática futebol força × futebol arte como uma metáfora Ditadura × Democracia.

A cobertura do periódico, mesmo não sendo um órgão alternativo, estabelece reflexões nacionalistas que podem ser identificadas como contestadoras do regime ditatorial em vigor no País dentro de fronteiras específicas possíveis na conjuntura histórica do ano de 1978.

Sobre essa importante revista esportiva do país, o historiador João Malaia escreveu um artigo (2012) analisando as suas primeiras edições e trabalha com a ideia de duas licenças possíveis para esse tipo de publicação durante períodos de censura:

Observar a maneira como essa revista se comportou durante suas primeiras edições, no momento da instauração da censura prévia, revela dois dos aspectos que considero da maior relevância no estudo da imprensa esportiva em períodos de exceção: a presença de um discurso político crítico de grande amplitude, possibilitado por duas licenças, a esportiva e a humorística; e a linha tênue entre a crítica e a necessidade e/ou a opção ideológica de alinhamento com o regime em vigor. (MALAIA, 2012, p. 153)

No ano de 1982, essas duas licenças possíveis apontadas por Malaia se encontram, na minha visão, ainda mais flexíveis do que em 1978 devido ao período de transição democrático ou “distensão” política do governo do General João Batista Figueiredo.

Sobre a relação da imprensa com a política e censura Luca (2005) observa:

Não há como deixar de lado o espectro da censura. Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento. O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição de difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político. (LUCA, 2005, p. 129)

Todavia, o ufanismo em cima da seleção nacional, conhecida como “canarinho” devido às cores do uniforme, que apresenta um futebol vistoso segundo grande parte da mídia especializada durante o torneio parece espelhar um otimismo com as transformações políticas e sociais vividas no período de transição. Eleições legislativas, uma censura mais branda, o marketing em cima do personagem surgido no Pasquim, o “Pachecão”, que passa a ser símbolo da torcida brasileira, parecem estar conectados com a nova realidade vindoura.

Isso posto, o objetivo do presente artigo³ é fomentar algumas reflexões sobre a cobertura da revista no que concerne aos discursos emitidos sobre a seleção nacional e sua campanha nos mundiais da Argentina e da Espanha. Analisar como algumas reportagens e o próprio editorial da *Placar* estabelecem metáforas e críticas veladas que transcendem o âmbito esportivo e se manifestam no próprio domínio político do País pode ajudar na compreensão da possível relação identitária entre a Seleção Brasileira e a ideia de Nação.

2. A Copa da Argentina e as críticas veladas à caserna

2.1 O silêncio que sufoca o caráter e o louvor à suposta rebeldia

Faltando um mês para o início da Copa, após o retorno da equipe de uma excursão à Europa e Oriente Médio, onde disputou amistosos com fortes seleções como França, Alemanha e Inglaterra, mas também se expôs enfrentando times como a Internazionale de Milão, Atlético de Madri e Al Ahly da Arábia Saudita, o trabalho da comissão técnica é veementemente criticado, como no Editorial da edição n. 418 assinada por João Aerosa e Ronaldo Kotscko:

Temos um mês para resolver velhos problemas e os novos que esta louca excursão fez surgir em busca do tempo perdido.

Em um mês precisamos ter uma equipe definida e um esquema de jogo pronto para funcionar. Tempo curto demais?

Talvez, mas não há solução: nestas três semanas de fatigante excursão nada se definiu a não ser o fato de que estamos bem longe da seleção ideal. O drama é maior porque não se resume a nomes ou novas convocações: trata-se de encontrar um esquema tático que realmente devolva ao Brasil o seu futebol campeão do mundo. (PLACAR, n. 418, p. 3)

3 O escopo de análise deste artigo foram 28 edições da *Revista Placar* (415-428), no período de 7.4.1978 até 6.8.1978 e 9.4.1982 até 16.7.1982.

Os mundiais anteriores eram acionados de forma distinta na reflexão sobre as expectativas em torno da Copa na Argentina. Enquanto a seleção que conquistou o tricampeonato no México já era apontada como paradigma do futebol nacional, a equipe de 1974 simbolizava o retrocesso, sobretudo na sua postura que era considerada defensiva.

Entretanto, em reportagem assinada pelo jornalista Jairo Régis, editor responsável da revista, intitulada “Futebol sem caráter”, são estabelecidas comparações com a equipe que disputou o Mundial na Alemanha (1974) para se afirmar que o suposto “futebol brasileiro” corria ainda mais riscos de ser “descaracterizado” nos gramados argentinos devido à passividade do grupo.

Chega-se então ao que torna mais grave o episódio de agora. Em 1974, o que se tentou foi acima de tudo descaracterizar o nosso futebol. Fomos à Europa e jogamos naquele absurdo esquema de uma retranca disfarçada. Mas fomos com uma seleção que, em termos de valores individuais estaria bem perto de ser o melhor que poderíamos formar. Levamos por exemplo para ser o maior lateral da Copa, para estarrecer o banco brasileiro com suas investidas – gente como Marinho. Como o temperamental Rivelino. Como levamos também um Paulo César, talvez por demais interessado em proteger as próprias canelas, mas seguramente pouco inclinado às curvaturas ou às submissões de estilo. Mandamos para a Alemanha uma verdadeira representação brasileira. Mandamos nosso talento, nossa picardia, nossa malícia. E nossos problemas também. Se é assim que se quer ver por exemplo a participação de Marinho e Paulo César na Copa de 1974. Resumindo: houve uma tentativa de descaracterizar o futebol brasileiro, mas não se conseguiu. Em 1974 – isso que parece ter-se transformado no novo objetivo da seleção: a despersonalização não mais do futebol, mas do jogador brasileiro. Sem Marinho e sem Paulo César, talvez tenhamos uma excelente seleção para uso externo, para a complementação de uma imagem de país sem problemas, sem surtos de mau comportamento. Ou até uma maravilhosa seleção em termos de convívio interno; ninguém reclamando de bichos, ninguém preocupado com o que ocorre além dos limites da concentração. Todos perfeitamente convencidos de que a seleção é o seu mundo, a Copa o seu destino. Aí tudo passa a ser muito natural. (PLACAR, n. 418, p. 9)

É possível identificar que além da preocupação com uma teórica perda de identidade do mítico estilo de jogo brasileiro, o articulador questiona uma conduta possivelmente passiva dos jogadores brasileiros e a política institucional de construir uma imagem positiva externa da seleção.

A ausência na lista prévia de jogadores considerados imprevisíveis ou até rebeldes, como Marinho Chagas e Paulo César Caju, demonstra uma preocupação com uma equipe submissa tanto dentro das “quatro linhas” quanto no posicionamento político diante da comissão técnica e da Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D.) que era presidida pelo Almirante Heleno Nunes.

Na edição seguinte da revista, o Editorial louvará atitudes supostamente revolucionárias de dois jogadores: Rivelino, que não gostou de ser substituído, e Reinaldo, que teria entrado no final da partida e abandonado o esquema tático na partida amistosa em que o Brasil vence a seleção peruana por 3 × 0. Segue abaixo a transcrição da emblemática opinião que possuía o título: “Enfim, dois heróis”

1- Enfim, a saudável rebeldia. O craque descobre o sutil limite entre a disciplina e a passividade. Disciplinado Rivelino aceita oito anos depois do México ir para a ponta. Ponta verdadeiro, um homem a mais no meio campo: bem isso é assunto para os teóricos do futebol. Aqui o que interessa é a disciplina – e o seu justo limite. Rivelino aceitou a missão, aceitou a posição. E, enquanto esteve em campo o velho Riva fez pensar – também no garoto Rivelino. Foi um jogador disposto a luta, capaz até – por fome de gol – por fome de vitória de cometer a ingenuidade de aceitar uma sola facilmente evitável. De repente Rivelino é sacado para a inútil entrada de Dirceu. E ensaia sua manifestação de rebeldia. Uma rebeldia, diríamos exemplar. Rivelino queria como ele disse lutar até o fim, cumprir os 90 minutos em busca do condicionamento físico ideal. Em busca da necessária readaptação a uma função que não desaprendera mas que – já veterano – se dispõem a aprimorar ainda mais.

Até aí o que confessadamente queria o jogador! Mas havia por trás dele algo mais: havia o desejo de milhões de torcedores ansiosos por um reencontro com o verdadeiro espírito do futebol brasileiro feito de talento, de garra, de disposição ofensiva. Só por isso Riva, merece ficar a te o fim, só por isso merece sua solidariedade. Ainda que arranhando a disciplina (embora estejamos convencidos que ele não a feriu, apenas lhe deu a verdadeira dimensão)

Ainda que para os padrões de um internato a antiga, o garoto do parque, deixasse de merecer, a esta altura uma nota 10 em comportamento.

2- Enfim, o craque. Com ou sem problemas Reinaldo entrou. Foi no final do jogo algo como uma compensação a ausência de Rivelino. Aos poucos ele foi compensando a falta de ritmo com o excesso de talento. Aos poucos, foi mostrando que não é o mero oportunismo, a simples insistência o único caminho para o gol. Aos poucos foi impondo ao resto do ataque seu próprio estilo, um estilo quase evangélico. Mais de enfrentar do que de provocar a violência. Um gol feito a mineira. De manso, sem demonstração e força, sem apelo a violência. A resposta perfeita aos que defendem no futebol ou fora dele o primado da força ou da prepotência.

3- Enfim, dois heróis bem brasileiros –bem próximo do que é nosso futebol, bem próximo do que é nossa torcida. Em próximo do povo para que eles jogam e que venha ou não a vitória na Argentina é quem paga o espetáculo. (PLACAR, n. 419, p. 8)

No primeiro trecho, dedicado a Rivelino, apesar da sua grande capacidade técnica, percebe-se uma exaltação maior a uma conduta levemente “rebelde” do jogador com a insatisfação ao ser substituído. O meio termo entre a disciplina necessária para um atleta profissional e uma conduta passiva que teoricamente seria imposta pelo padrão militar adotado pela comissão técnica de Coutinho é destacado como algo exemplar e digno de “solidariedade dos brasileiros”.

Com relação a Reinaldo, o caráter revolucionário da sua presença está explicitamente no texto associado ao seu talento futebolístico e representaria simbolicamente a primazia do futebol artístico em detrimento do futebol-força. Porém a discussão em torno do jogador naquele momento é mais complexa devido ao seu engajamento político. Acredito que de forma implícita a caracterização do centroavante do Atlético Mineiro como herói se configura também como uma crítica velada ao próprio regime ditatorial.

Na opinião da revista, os dois “heróis” próximos do povo brasileiro seriam “rebeldes” e representantes de um suposto anseio popular por mais “espetáculo” e menos “dureza”.

Na mesma edição, uma reportagem exclusiva – “Três dribles no corte. Reinaldo garante: nem o joelho avariado, nem a política, nem o esquema tático o tiram da Copa” – é dedicada a debater as questões referentes ao jogador mineiro e a uma possível ausência na lista final que não veio a se concretizar. Especulava-se bastante que ele não iria ao torneio devido a suas opiniões políticas, uma entrevista polêmica para o semanário *Movimento*, e declarações do presidente da C.B.D. Questionado pelo repórter Sérgio Carvalho sobre essas questões, Reinaldo chega a

admitir que teve receio de ser punido e se recusou a assinar um manifesto em protesto contra o regime argentino, sem deixar claro se era favorável ou não:

– Fiquei até com medo quando cheguei a Paris. Uns jornalistas de lá vieram me procurar para falar do assunto. Como ninguém da seleção falara dessa entrevista no Movimento, achei melhor deixar a coisa de lado. Não dei entrevistas sobre o assunto mas continuaram a me procurar. Fomos a Hamburgo. E uns jornalistas – junto com um que tinha morado em Angola e falava bem o português – me procuraram para que eu assinasse o manifesto de Breitner contra a participação na Copa, em protesto contra o regime argentino.

– Fiquei até louco. Disse que não podia assinar, que estaria por fora, que não toparia. Aí falaram que iam ficar me esperando num jornal de Hamburgo. Nunca podia imaginar que essas coisas aconteceriam.

Não fui. E fico imaginando como é que eles conseguiram entrar no hotel para falar comigo.

(E o repórter afirma na matéria sobre o comportamento do jogador e os boatos). Enfim, uma pista para o isolamento, algo além do jeito, da timidez habitual...

Mas há um ponto da História em que o narrador não pode mesmo ser Reinaldo. Entraram outras vozes - e todas tendendo a confirmar a versão que o jogador estaria às vésperas do corte, não por causa de um joelho problemático, mas por causa de uma entrevista fatal, de umas ideias incômodas, entrevistas e ideias sempre vinculadas à previsão do presidente da C.B.D no sentido de que Reinaldo não chegaria aos jogos na Argentina. (PLACAR n. 419, p. 16)

O pesquisador Euclides de Freitas Couto (2010) em artigo⁴ que discute a condição dos jogadores Reinaldo e Afonsinho como ícones da resistência de esquerda no País ao longo da década de setenta comenta sobre a repercussão da entrevista do centroavante ao semanário alternativo *Movimento*:

As declarações publicadas pelo semanário Movimento provocaram, de fato, uma enorme polêmica. No calor dos acontecimentos, a grande imprensa noticiava que o almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD, cogitava o corte de Reinaldo da lista dos convocados para a Copa da Argentina, sob a alegação de que “Reinaldo não possui as condições físicas exigidas por uma competição de alto nível”. Desmentido – ou camuflando – qualquer motivação política para a provável decisão, o almirante isentava o governo militar de qualquer intervenção nos assuntos futebolísticos.

A questão assumiu a dimensão de um debate nacional: O jogador de futebol deve ou não expressar suas posições políticas? Reinaldo deve ser cortado por não concordar com a política do governo? – perguntavam os programas esportivos radiotelevisivos. Em 1978 as garras da ditadura já não se mostravam tão afiadas como no período das duas Copas anteriores. A imprensa já possuía certa autonomia para promover discussões políticas; mas, apesar disso, devido ao longo período de intervenção oficial, os jornalistas não sabiam muito bem como lidar com esta relativa liberdade. Além dos debates promovidos na mídia – importantes instrumentos para a formação da opinião pública –, a imprensa alternativa da época também buscava pressionar a CBD. (COUTO, 2010, p. 16)

Contrapondo a matéria da *Placar* citada anteriormente com a análise de Couto (2010), que chegou a entrevistar *a posteriori* o jogador para a elaboração da sua tese de doutorado, é possível perceber que naquele momento os atletas sofriam uma censura tácita dentro da seleção e Reinaldo teria sido induzido a “driblar” os assuntos políticos e dar declarações evasivas para permanecer no grupo diante do repórter da *Placar*.

4 O artigo “A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)” foi publicado na Revista digital *Recorde de História do Esporte* em junho de 2010.

Entretanto, como ressalta Couto (2010), a opinião pública tinha muita força e a conjuntura histórica possibilitava uma resistência maior do que nas Copas anteriores, e esses fatores viabilizaram uma grande pressão pela manutenção do jogador no grupo que foi a Argentina, apesar das resistências políticas oriundas, sobretudo do Almirante Heleno Nunes, integrante do partido governista ARENA, a “Aliança Renovadora Nacional”.

Outra arma frequentemente utilizada pela imprensa para pressionar a CBD era a própria opinião pública. O descontentamento com o possível corte de Reinaldo da seleção brasileira fez eclodir diferentes manifestações de apoio ao jogador. De todo o Brasil chegavam cartas de solidariedade ao craque na sede do Atlético; nas rádios e nas emissoras de TV, aconteciam calorosos debates em torno da questão. Em Belo Horizonte, principal reduto da torcida atleticana, os estudantes da Universidade Católica de Minas Gerais, utilizando um instrumento de expressão política bastante comum na época, imprimiram seu protesto nos muros da própria instituição de ensino: “Por que Reinaldo não pode ter opinião política?”.

Segundo Reinaldo, a frase ganhou os noticiários nacionais, tornando-se um dos símbolos do seu retorno à seleção brasileira:

Depois de toda essa discussão, essa polêmica, essa pressão que partia de todos os lados, os caras tiveram que voltar atrás. E se eles me deixassem de fora e o Brasil perdesse a Copa por causa disso? De quem a seria a culpa? Todo mundo sabia que o Heleno de Freitas é quem batia o martelo nas convocações. Se ele não me levasse, a seleção teria que ganhar de qualquer jeito. Foi por isso que ele voltou atrás. Ele não era bobo. Ele sabia que me levar era uma questão de interesse político. (COUTO, 2010, p. 16-17)

Uma matéria que denuncia explicitamente a falta de liberdade de expressão dentro da seleção foi redigida pelo jornalista Raul Quadros e possuía o seguinte título: “Dirceu levou um sermão por ter falado demais. Resultado: quem meter o nariz onde não deve cairá fora da seleção”. Segundo o articulista, dentro da seleção não havia escolha e isso talvez explique o fato de Reinaldo não ter sido objetivo em suas declarações para a revista e ter se assustado com a repercussão internacional. Segundo a reportagem:

A ordem é a seguinte:

Agora quem falar além da conta cai fora!

Presidente da Comissão técnica, o cartola André Richer, revela em português claro, o que irá acontecer se qualquer dos 23 jogadores da seleção imitar o exemplo de Dirceu... O jogador fizera críticas a Coutinho e Rivelino.

“Ninguém tem opinião. Não pode falar o que pensa a um amigo e a comissão técnica está recebendo pressão de autoridades para eu ser repreendido. Seleção não é só comissão de jogadores – até o presidente da República fica preocupado”.

Foi a conta. Horas depois, o ponta brasileiro era metido dentro de uma Kombi e remetido para o Rio de Janeiro. Mas exatamente a sede da C.B.D onde André Richer já o aguardava para um severo e ostensivo sermão.

Entre os jogadores, o impasse era motivo de comentários em voz baixa, nada de falar publicamente, gesto que, viu-se bem, não resguarda a saúde de quem pretende ir a Argentina. (PLACAR, n. 420, p. 11)

Em outra reportagem intitulada “Tenho direito a crítica”, o mesmo jornalista, junto com Maurício Azedo, teria entrevistado o jogador Paulo César Caju, que fez ostensivas críticas à falta de liberdade de expressão dentro da seleção e acusa a comissão técnica de não convocá-lo devido a suas ideias. O atleta, que disputou as Copas de 1970 e 1974, se dizia injustiçado por não aceitar imposições ao seu direito de se expressa e reivindicar:

Na verdade, essa história de liderança negativa está relacionada com meus pontos de vista. Dentro do futebol brasileiro o jogador não pode criticar o treinador. A Federação, a CBD, a estrutura do futebol, nada. Mas não aceito isso, se sou criticado, se todos os jogadores são, tenho o direito de criticar. No momento em que me afastam da seleção, tenho autoridade para criticar. Sei que tenho futebol para integrá-la. Por que me excluam se sou considerado pela crítica e pelo povo um dos melhores jogadores brasileiros ao lado de Rivelino e de Zico e mais uns poucos? Tenho de ser julgado pelo que signifique dentro de campo. Também não abro mão do meu direito de reivindicar, embora saiba que me prejudico com isso. Foi o que ocorreu no torneio final de classificação para a Copa, o Mundialito de Cáli disputado no ano passado. Numa reunião dos jogadores com a comissão técnica, o diretor de futebol da CBD André Richer disse que o prêmio pela vitória nos dois jogos seria de 500 dólares. Como notasse a insatisfação entre os jogadores, disse que quem não estivesse de acordo poderia levantar o braço e falar porque a CBD daria logo as passagens de volta; como se qualquer ponderação fosse uma indisciplina. Pois eu pedi a palavra para reivindicar o aumento do bicho. Lembrei que, em 1969, o prêmio tinha sido de 1000 dólares por uma vitória que valia a classificação e não era justo que oito anos depois o prêmio pago fosse inferior. Sei que minhas palavras desagradaram, mas eu tinha de fazer isso, porque temos o direito de reivindicar, como fazia o Carlos Alberto em 1970 sem que o diretor da C.B.D, Dr. Antônio do Passo, considerasse isso uma indisciplina. Se é por isso, que me excluam, digam logo. Mas não pense que vou ceder meu direito de reivindicar, isso nunca (PLACAR, n. 418, p. 8)

Independentemente de Paulo César Caju ter ficado de fora do mundial devido a questões técnicas ou por motivos disciplinares, o fato é que sua figura incomodava politicamente a comissão técnica. A reprodução das suas declarações em longa entrevista é emblemática, pois se Reinaldo teve de se calar para permanecer no grupo, Caju podia falar abertamente.

O fato é que ambos os jogadores, além de Rivelino e até mesmo Dirceu, foram explicitamente elogiados por seus comportamentos supostamente rebeldes. Eram vozes contra a disciplina e o militarismo imposto pela C.B.D do Almirante Heleno Nunes.

2.2 A retórica do genuíno “futebol brasileiro” em oposição ao “futebol-força” de Cláudio Coutinho

Desde a citada excursão no mês de abril que antecedeu a Copa que o debate entre o futebol força e o suposto “verdadeiro” estilo brasileiro já estava presente.

No editorial do número 416, por exemplo, cujo título foi “O instinto salvador: foi um jogo a brasileira”, o jornalista Jairo Régis compara o desempenho apresentado na derrota para a França em Paris por 1 × 0 com a vitória pelo mesmo placar conseguida sobre a Alemanha Ocidental em Hamburgo, campeã do mundo na copa anterior, apontando ironicamente um renascimento do “genuíno” futebol brasileiro e estabelecendo algumas críticas à importação de modelos táticos e técnicos europeus, apesar de vislumbrar uma eventual competência de Cláudio Coutinho.

Entre o vexame de Paris e a vitória de Hamburgo houve algo mais que a simples inversão do resultado. Houve a diferença essencial no que mostramos em Paris, ninguém ousaria reconhecer a essência do futebol brasileiro. Foi talvez o jogo da aplicação. De fato, Toninho e Dirceu, quase todos se esforçaram para demonstrar o bom conhecimento dos principais itens das lições que vem há meses recebendo. Tal como acontece com as crianças mal ensinadas, eles executaram a lição de cor. Quantos overlappings fez por exemplo, o aplicado aluno Toninho? Terá feito muitos, sem a mínima consequência, o que colocaria sob suspeita pelo menos os métodos didáticos do professor. Era convertida à prática a tese que nada se cria, tudo se copia, mal, é claro.

Na Alemanha foi diferente e nada indica que foi graças a algumas substituições. Na Alemanha, terá sido antes de tudo, a verdadeira luta pela sobrevivência. O tal tipo de luta em que o instinto pesa mais que as teorias, em que a própria noção de perigo leva à redescobertas da personalidade, Antes que se definam a técnica, a tática, o esquema porventura adotado, é preciso aceitar a evidência. A seleção jogou dessa vez, futebol brasileiro. Foi com fome de bola e lance por lance foi ganhando a briga por sua posse. Depois veio a conquista do terreno, depois o gol. Mas tudo dentro de uma perfeita lógica, a invencível lógica da autenticidade. Um jogo em que todos devem ter aprendido (afinal é tudo uma questão de capacidade de aprender): os jogadores, o técnico a torcida. E já que conseguimos driblarão menos nesse jogo o embasbacamento colonizado ante as novidades alheias – o overlapping, o ponto futuro – devemos crer que os alemães também aprenderam, até aí a lógica. Mas houve de fato algumas surpresas. Zé Maria atacando mais do que se poderia prever, o time lutando heroicamente e um preparo físico que faz crer na competência que o orienta. (PLACAR, n. 416, p. 3)

Todavia, a competência de Coutinho mesmo antes do torneio é muitas vezes colocada em dúvida, segundo a própria revista, independentemente do seu preparo intelectual. Em reportagem cuja manchete é “A torcida exige vitórias, a imprensa quer explicações para tudo: ser técnico da seleção é viver no inferno”, as qualidades do treinador são destacadas, porém é possível perceber um tom irônico em relação aos termos utilizados e à sua origem militar:

Tática militar

Além do autodomínio, Coutinho têm outras qualificações que o fazem desempenhar com segurança e brilho o papel não apenas de técnico mas também de porta-voz da seleção. A vivência no Exército no qual saiu no posto de capitão para dedicar-se exclusivamente ao futebol deu-lhe capacidade de liderança e comando, proporcionou-lhe acesso a cursos no exterior, principalmente nos Estados Unidos, ensinou-o a se conduzir diante de obstáculos e lidar com homens e grupos.

A tudo isso juntou atributos pessoais raramente encontrados no comum dos técnicos. O curso superior que fez no Exército foi enriquecido pelo conhecimento de línguas estrangeiras – inglês, francês e espanhol, pelo menos – pela riqueza do vocabulário, pela imaginação criadora – responsável por alguns achados recentes como “ponto-futuro” e também por desencontros como “futebol aéreo” utilizado para justificar a escalação de Nunes. (PLACAR, n. 420, p. 8)

No editorial da edição seguinte, a ironia com relação às preocupações táticas de Coutinho é ainda mais contundente:

Sobre Coutinho

O repórter Raul Quadros, enviado de Placar ao jogo de Recife conta o susto tomado pelo intruso que, ao abrir a porta do quarto de Coutinho, deu com dezenas de setas rabiscadas em todas as direções. O nosso técnico lera em inglês, mais um livro sobre futebol e expandia em todos os sentidos, as conclusões que tentava chegar. Ótimo isso, que alguém resolva estudar, aprender, transmitir, mas não haverá um certo exagero nesta dedicação quase integral a teoria? Achamos que sim. Achamos que os tecnocratas, por mais que conheçam as receitas, acabam errando o tempero. E se são capazes de transmitir suas teorizações dificilmente conseguem, saudosismos a parte transmitir essa segurança que o velho Brandão a distância segue transmitindo
Ao jovem Zé Maria. (PLACAR, n. 421, p. 15)

Ao longo do torneio, em função da oscilação dos resultados da equipe, é possível perceber também uma ambiguidade em relação à análise da seleção de Coutinho. Nas boas apresentações, o planejamento tático, a garra, a força da equipe eram características exaltadas, inclusive após o empate em 0×0 contra a Argentina, conhecido como a “Batalha de Rosário”. Em compensação, após a frustração da eliminação de uma seleção invicta que seria alcunhada de campeã moral, as críticas ao treinador e ao estereotipado futebol-força são veementes e estão presentes em diversas reportagens e seções da revista, sobretudo após o final do torneio.

Chega a ser emblemático o editorial do número 427 assinado por Jairo Régis intitulado “Fora! Basta! Chega!”, no qual as críticas são dirigidas também à própria estrutura da C.B.D e sua relação com a ditadura militar. Coutinho se torna uma metáfora de um autoritarismo arcaico e seu preparo tático é novamente minimizado a uma nociva “tecnocracia”.

O terceiro lugar na Copa do Mundo é um resultado que desmoraliza o futebol brasileiro? De nenhuma maneira. É um posto honroso do qual muitos poderão se orgulhar com justa razão, embora não satisfaça o apetite de vitórias de nossos torcedores.

Por que, então tanto mau humor, tanta carranca em face da atuação da nossa seleção na Argentina? Por que, a rigor o futebol de marca brasileira não esteve presente a esse mundial. Levado pela mão do capitão Coutinho, nosso futebol perdeu as raízes, perdeu a cultura, despersonalizou-se nos overlappings, nos pontos futuros e na verticalidade lateral, última invenção verborrágica para encobrir a bobagem de jogar sem pontas. Talvez não tivéssemos mesmo futebol suficiente para disputar a finalíssima. Mas isso não anula o fato de que por pura covardia do capitão Claudio Coutinho – covardia tática? covardia estratégica? covardia profissional? Não ousamos tentar vencer a Argentina em Rosário. Nosso capitão se declarou satisfeito com o empate em zero, embora todos teméssemos um saldo de gols insuficiente, como acabou acontecendo. Na vitória por 3 a 0 contra o Peru, o capitão Claudio Coutinho se declarava muito feliz, embora soubéssemos de antemão que a Argentina poderia vencer o mesmo adversário, por escrete maior – como de fato venceu...

Pois a coisa feia, vergonhosa e covarde repetiu-se em Buenos Aires na tarde em que conquistamos nosso terceiro lugar. Vencíamos por 2 a 1 e nosso capitão Coutinho levantou-se apoplético do banco para avisar nossos craques de que faltavam sete minutos para terminar o jogo na repetição da ordem covarde, presenciada por quase 1 milhão de assistentes de televisão em todo o mundo. Isso é que é na verdade projetar uma imagem negativa do Brasil para o mundo. A imagem da covardia, que não corresponde nem a verdade cívica e muito menos a verdade esportiva do nosso país. É verdade que o Peru entregou o jogo para a Argentina. Mas isso não nos absolverá nunca de nossos próprios pecados. E o maior deles é continuarmos admitindo uma cúpula tão incompetente como a que temos dirigindo nosso futebol. Do Almirante Heleno Nunes ao cartola André Richer, a incompetência faz o seu carnaval impune e prenhe de mordomias escandalosas. E quem paga o pato é o pobre futebol brasileiro. (PLACAR, n. 427, p. 2)

É importante ressaltar que no ano seguinte ocorreu uma grande reformulação do futebol brasileiro com a criação da Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F), que naquela conjuntura histórica pode ser considerada como uma ruptura revolucionária devido à possibilidade de desvincular o esporte mais popular do País do controle estatal e, nessa época, da intervenção militar.

A vitória na disputa do terceiro lugar contra a Itália marcaria novamente a exaltação do “futebol à brasileira” e o acionamento dos supostos rebeldes que simbolizariam o genuíno estilo nacional: Reinaldo e Rivelino. A reportagem intitulada “Jogando à brasileira, a seleção chegou a vitória” endossa as críticas ao modelo tático apresentado por Coutinho e supervaloriza o “estilo nacional”:

A entrada de Reinaldo é verdade, já tinha contribuído para animar e melhorar um pouco as coisas. O baixinho corria por todos os cantos do ataque desarrumando a defesa italiana, perturbando a vida de Cabrini e de quem mais saía para ajudá-lo. Foi aí, então, que entrou Rivelino. Gordo, apertado num calção que revelava seus excessos, com pinta de quem não ia querer nada, aceitando substituir Cerezo apenas para cumprir as ordens do técnico, mas tudo também a brasileira, não passava de falsa observação. Não que tenha se tornado com excesso de graxas e com os tornozelos ainda enfaixados, o cérebro do time. O jogador que desejava ser nesse último Mundial – comandando o time, provando merecer as observações de que realmente se trata do único grande craque que ainda corre pelo Brasil, remanescente daquele grupo que só jogava a brasileira não chegou a ser nada daquilo, o jogador que finalmente se destacaria nesta Copa de nível tão achatado, mas foi – lá isso foi – o arruaceiro, o moleque de rua que o time precisava, que Reinaldo esperava para ajudá-lo e que o próprio jogo necessitava (PLACAR, n. 427, p. 4)

Nesse sentido, a suposta rebeldia criativa de Rivelino e política de Reinaldo contribuiriam para a ressignificação do “verdadeiro” futebol brasileiro, que deveria se opor ao autoritário e tecnocrata futebol-força personificados na figura emblemática do Capitão Cláudio Coutinho, que acabou sendo apontado como o principal vilão do fracasso brasileiro na Copa da Argentina, independentemente da sua postura taticamente considerada pela própria revista como inovadora, da campanha invicta e da alcunha de campeão moral.

Até mesmo na seção Carta dos leitores Coutinho é vilanizado. Segundo Rui Carvalho Neto, de Belo Horizonte:

O que se pode falar do senhor Coutinho? Tudo bem, claro que ele dirá que não, mas diante do que vem declarando podemos chegar a uma conclusão: ele pensa que fomos longe demais, e que a terceira posição está muito bem. No entanto, se formos analisar o nível técnico de outras seleções do passado chegaremos a um só ponto: estamos mal e estaríamos pior se tivéssemos que nos defrontar com uma Polônia de 74 ou qualquer outra seleção desse nível. Ora se temos um culpado: Coutinho. (PLACAR, n. 428, p. 28)

3. Mundial Espanha (1982): a idealização da alegria e da beleza do futebol-arte brasileiro como representação das aspirações democráticas

3.1 Opinião Placar: as colunas “Bola de Papel” e “Abrindo o Jogo”

Três espaços fundamentais na revista em 1982 para a análise do discurso emitido sobre o evento e a participação da seleção brasileira estão no Editorial, batizado de “Opinião Placar”, quase sempre escrito pelo editor-chefe da revista, Juca Kfoury, e as colunas “Bola de Papel”, que surge a partir da edição número 622 com Alberto Helena Jr., além do plural “Abrindo o jogo” em que ocorre um revezamento de autores na elaboração da crônica.

O editorial, batizado de “Opinião Placar” reflete essa visão otimista que se estende desde o futebol praticado pela seleção brasileira até o momento histórico vivido pelo País, estabelecendo visões politicamente engajadas.

Na edição número 620, por exemplo, ao elogiar o técnico Telê Santana, que gozava de reputação positiva praticamente unânime naquele momento, a postura política conservadora do treinador é levemente criticada, apesar de minimizada diante da sua austeridade e da comparação ao vitorioso pugilista brasileiro Éder Jofre no editorial “Assunto Telê: um homem conservador, um técnico seguro e ousado”:

Lembro apenas para ilustrar, que todo e qualquer adversário do nosso Éder Jofre –imortal campeão mundial dos pesos galos –sempre chegava aqui, ou o recebia prometendo massacrá-lo. Ele, seguro de si, não se alterava e ganhava sempre. Será possível comparar as atitudes de Éder Jofre com as de Telê? Parece que sim. Telê demonstra confiança e não é dado a bazófiás. Está tão correto em seu comportamento à frente da seleção como equivoca-se ao sair do seu campo de ação e declarar que os recentes motins de presos em São Paulo têm que acabar como acabaram, com tiros e mortes. Tele é como Éder Jofre, confiante e é como o genial autor Nelson Rodrigues, um conservador diante da vida e um revolucionário na sua área de atuação (PLACAR, n. 620, p. 9)

A confiança no treinador, independentemente da sua posição política mais conservadora, é atestada também na crônica de estreia da seção “Bola de Papel,” que foi escrita em um contexto em que Telê Santana havia sido internado devido a uma pneumonia:

A concepção da jogada foi perfeita, no sentido de oferecer a esta bola de papel a direção extra para que a partir desta semana, ela passasse a pingar com graça e leveza a área de Placar. Ocorre que em meio a trajetória o destino entrou em campo, e num lance brusco, jogou ao leito de hospital o técnico Telê, conferindo assim um movimento nervoso e vacilante a estas primeiras linhas. Pois jamais na história do futebol brasileiro houve tamanha unanimidade em torno da figura do treinador nacional como acontece agora com nosso Telê. (PLACAR, n. 622, p. 14)

O otimismo explícito pode ser observado também no editorial “Por que se pode confiar no nosso futebol”, em que a Confederação Brasileira de Futebol (C.B.F) é elogiada⁵ – o campeonato nacional que havia terminado e se chamava taça de ouro exaltava o futebol brasileiro que estaria no caminho do tetra “venerado”:

A verdade é incontestável. Desde a fundação da C.B.F o futebol atingiu um novo estágio...

A taça de ouro, por exemplo chegou ao fim cercada da maior euforia. Primeiro, porque Flamengo e Grêmio a mereciam. O campeão mundial ficou com ela simplesmente por ter o melhor time do mundo, com o perdão da redundância...

Por isso, Placar investe, se transforma, segue em frente.

Nossa confiança no tetra, é inabalável porém muito mais importante do que isso, se pelas naturais contingências do futebol, Telê e nossa seleção não chegarem lá, nem assim seria uma catástrofe.

O futebol brasileiro já está maduro e nós também. (PLACAR, n. 623, p. 3)

Raras são as vozes dissonantes em relação a esse clima de ufanismo. Uma das exceções é a instigante crônica da seção “Abrindo o Jogo”, de Roberto Drummond, que *a posteriori* parece mais um sombrio vaticínio da derrota no estádio Sarriá, e foi intitulada “Ninguém critica a seleção. Isto é um péssimo sinal”. O texto questiona de maneira incisiva o otimismo exacerbado, estabelecendo também reflexões sobre a relação do evento com as práticas de consumo capitalistas e evocando o personagem humorístico “Zé da Galera” de Jô Soares como a voz da sabedoria, sinalizando a importância dos meios de comunicação na propagação da euforia.

Você chega em qualquer esquina do Brasil e está todo mundo na base do oba-oba, festejando desde já.

Você entra num bar, da Amazônia a Minas Gerais, passando por Santa Catarina, e está todo mundo comemorando por antecipação.

Você liga o rádio e o bombardeio não só pelos jingles e anúncios que vendem pneus, xampus, bancos, chicletes, refrigerantes, etc. No embalo da seleção canarinho do Brasil: você é bombardeado também por locutores e comentaristas superpatrióticos, que invocam nossa senhora da Aparecida, falam nos verdes mares bravios da nossa terra natal e juram que já somos os campeões do mundo na Espanha.

Você liga a televisão e o bombardeio é o mesmo.

Você abre os jornais e neles também está a mesma euforia, a mesma festa, o mesmo bombardeio otimista, na base do já ganhou, já ganhou...

Ninguém critica a seleção brasileira entre outras razões (incluindo suas inegáveis qualidades), porque ela é hoje, o maior ponto de venda publicitário do Brasil.

Tudo bem: eu não sou contra as vendas, afinal, vivemos numa sociedade de consumo.

Do ponto de vista do futebol brasileiro, o oba-oba é tremendamente prejudicial, cria ilusões e vitórias antes da hora, o que faz a barca virar. Aliás sempre que saímos daqui cantando vitórias, voltamos derrotados, ou pior voltamos campeões morais, o que é uma tristeza talvez maior...

Mas nesse oba-oba todo eis que surge algum sensato. Trata-se do Zé da Galera, personagem vivido por Jô Soares. Toda noite de segunda feira, no programa Viva o Gordo, Zé da Galera utiliza um orelhão para mandar recados críticos a Telê. O recado já quase um bordão proferido por Zé da Galera, é o mesmo de Pelé:

- A seleção precisa jogar com pontas, Telê...

Saiba leitor: Zé da Galera é a voz da sabedoria. (PLACAR, n. 622, p. 30-31)

5 É importante destacar que, na minha opinião, a C.B.F, criada em 1979 em um contexto histórico de abertura política e com uma natureza privada, representava naquele momento um progresso no modelo de gestão do futebol brasileiro em comparação à organização anterior, centralizada politicamente na CBD e que foi muito criticada pela própria revista durante a Copa de 1978 devido a uma possível postura autoritária. O jornalista Juca Kfourir, atualmente crítico veemente da C.B.F, provavelmente tinha também esta visão naquela conjuntura histórica, o que explicaria o elogio.

Com relação à associação do evento com o consumo, é possível observar que faz parte do próprio processo internacional de espetacularização e mercantilização do torneio esportivo “Copa do Mundo” no mundo, fato que se acentua a partir de 1974 na gestão de João Havelange como presidente da Fifa. É emblemático que em 1982 o número de seleções na fase final tenha aumentado de 16 para 24 e que nesses oito anos no poder o mandatário brasileiro tenha estabelecido diversas parcerias econômicas com empresas multinacionais como a Adidas, Coca-Cola e Kodak. Esse processo é destacado pelo historiador espanhol Juan Antonio Simón:

Es indudable con la llegada de João Havelange a la presidencia de la FIFA, la Copa del Mundo se convertirá en el principal negocio para este organismo a conseguir proyectarla a niveles planetarios. El Mundial se abrirá a los cinco continentes aumentando ao mismo tiempo las fuentes de ingresos, gracias a una primera ampliación a 24 selecciones para pasar posteriormente a 32 equipos. Horst Daler, El hijo del fundador de Adidas y Patrick Nally, uno de los grandes nombres de la publicidad y el marketing deportivo en Inglaterra, trabajaran Al lado de Havelange para conseguir insertar los mundiales dentro del imparable mercado global de televisiones y de los grandes sponsors, para lo que era imprescindible abrir las fronteras del fútbol a nuevos continentes.

Al mismo tiempo, el Mundial de España también obligará en nuestro país a impulsar la reforma de las infraestructuras básicas para poder acortar las distancias con los países del entorno europeo. La profunda transformación de la RTVE permitirá cambiar las estructuras de cadena pública, logrando dar la mayor cobertura televisiva de una Copa del Mundo en toda su historia. (SIMÓN, 2012, p. 104)

Internamente, o aumento das publicidades em torno da seleção e jogadores de futebol, em comparação com o torneio realizado na Argentina, é marcante e o próprio Telê Santana se torna “garoto-propaganda” da Kodak no Brasil. Alguns exemplos encontrados nas revistas analisadas são: Sócrates anunciando os produtos da Topper, Falcão as camisas da Hering, o tricampeão mundial Pelé do banco Unibanco, o ex-capitão de 1958 Bellini da televisão Sanyo e até mesmo Jorge Mendonça, que jogara em 1978, mas perdeu a vaga no elenco em 1982, se torna símbolo de marketing da TV Mitsubishi com o jocoso bordão “Que maravilha seria estar na seleção. Se você também não vai à Espanha, veja a Copa na TV que mostra tudo” (PLACAR, n. 631, p. 75).

No que diz respeito às críticas feitas nessa crônica de Drummond, e mesmo o folclórico personagem humorístico Zé da Galera, são discursos isolados que acabam solapados, mesmo com a derrota do Brasil perante a Itália.

Juca Kfoury, por exemplo, escreve na coluna Opinião Placar após a derrota “A triste sina de um punhado de heróis”, em que fala da frustração de ver essa equipe ser eliminada e apesar de adotar um tom trágico exalta o mítico futebol-arte brasileiro.

A tristeza é óbvia. O melhor futebol desta má Copa da Espanha não está, sequer nas semifinais. A tristeza é amarga. Uma maravilhosa concepção de futebol perdeu, num jogo talvez, todo seu futuro. Oxalá, mas oxalá mesmo, isso não ocorra. Que como a Holanda em 1974, as imagens que o mundo guarde sejam as dos maravilhosos bailarinos verde-amarelos.

E a tristeza acreditem, e muito maior em função de pensar em homens como - Oscar, um bravo Júnior, - um valente Falcão, a sensibilidade de Zico, - o obstinado Sócrates, esta lindíssima figura humana – aliados da conquista que buscaram com tanta garra, com tanta arte, com tanto merecimento. (PLACAR, n. 633, p. 3)

Na coluna da mesma edição, “Abrindo o jogo”, Márcio Guedes, então comentarista da Rede Globo, em crônica intitulada “Futebol de sonho sucumbe à fria lógica” divaga desde a decepção até a preservação da lembrança posterior dessa equipe. Como um verdadeiro “guardião da memória”, defende imediatamente essa mitológica seleção:

Como explicar a derrota do Brasil? Como falar da imensa e profunda decepção que nos surpreendeu no instante de maior euforia? Como entender a tristeza de toda uma nação que estava vestida de verde e amarelo e que pelo menos durante 30 dias, encontrava a sua verdadeira e maior identidade?

Estou aqui na sala de imprensa do Estádio Sarriá, em Barcelona, ainda sob o impacto do apito final de Abrahan Klein, um apito que soou muito estranho, que ninguém esperava, que saiu como uma verdadeira sentença de morte. De repente as velhas lembranças, a tragédia de 50, a derrota do famoso escrete húngaro em 54 e – por que não – o amargo vice-campeonato do carrossel holandês em 74.

Mas não, não creio que seja hora de lembranças desse tipo. Tentemos ser racionais quando tudo nos leva a ser passionais, quase tudo nos leva a procurar desesperadamente culpados por um fracasso estatístico no país do futebol. Mesmo que não tenhamos sequer disputado a semifinal, mesmo que a nossa campanha, numericamente tenha sido inferior às de 74 e 78, não tenho dúvida em afirmar que essa seleção deve ser preservada.

Ela deve ser lembrada com carinho como um ótimo exemplo de um grupo unido, honesto, que praticou um futebol ofensivo, alegre, insinuante, meio moleque até, e que nos conduziu a vitórias inesquecíveis e consagradoras. Uma seleção que nos revelou gols de antologia, que deslumbrou os europeus, que provocou de Di Stéfano a expressão: “Que coisa mais linda”. (PLACAR, n. 633, p. 14)

Alberto Helena Jr. comenta a final da Copa disputada entre Itália e Alemanha para a coluna “Bola de Papel”, apontando um possível deslumbramento da imprensa internacional que legitimaria a perpetuação da imagem positiva escrete canarinho:

Aqui em Madri, ainda se ouvem os ecos das lamentações de todos que viram na Seleção Brasileira o caminho da redenção do futebol-espetáculo.

Não, não me refiro aos ufanistas brasileiros, os Pachecos que venderiam a roupa do corpo para perder a alma nos campos de Barcelona. Tampouco aos ufanistas de plantão que o incenso da vitória conduziu em rebanhos, à primeira fileira de aplausos e que agora rugem contra este ou aquele bode expiatório. Não.

Falo da imparcial crítica internacional, incluindo nesse conjunto até mesmo os italianos e alemães da grande decisão. Todos são unânimes, assim como os torcedores espanhóis em massa: foi o Brasil que deu cores, alegria e que abriu perspectivas para o ressurgimento do futebol elegante, ofensivo, inventivo, velho-novo, enfim”. (PLACAR, n. 634, p. 11)

Como assinalou Jacques Le Goff (1984), diversos atores sociais estão constantemente disputando o papel de “senhores da memória” e obviamente os jornalistas dessas colunas fazem parte deste jogo.

Alguns dos ilustres comentaristas citados que escreviam nessas colunas permanecem até os dias atuais como verdadeiros ícones das mesas esportivas dos canais de televisão fechada e são indiscutivelmente defensores do futebol-arte, suposto estilo padrão do futebol brasileiro. Mas como as outras seções da revista abordaram o torneio?

3.2 Democracia e “futebol-arte” em outras reportagens e seções

Obviamente que não identificamos apenas no editorial e em colunas especiais o discurso de um periódico. As demais seções da revista e as reportagens específicas sobre o contexto político, as partidas e o cotidiano dos jogadores também são importantes para analisarmos a visão estabelecida sobre a campanha brasileira na Copa de 1982 e os seus desdobramentos por meio de representações coletivas e identitárias para a Nação.⁶

A conjuntura política e a posição favorável à abertura pode ser observada em diversas matérias, como, por exemplo, a reportagem “Não pode o quê?”, de autoria de Marcelo Rezende.

É uma matéria que critica abertamente um regulamento de “direitos e obrigações” dos jogadores que teria sido elaborada pela comissão técnica e o diretor Medrado Dias e seria semelhante a uma cartilha estabelecida na Copa da Argentina pelo ex-capitão do exército Cláudio Coutinho, então técnico da seleção. Segundo o repórter que convivia com os jogadores na Toca da Raposa, ninguém teria dado muita atenção ao regulamento, porém entendo que somente o fato de ele existir implica em uma situação de fato que não combinava com o contexto apresentado nas reportagens e ensejava uma leve censura às declarações dos jogadores. Segue abaixo alguns trechos emblemáticos da reportagem:

Quem esteve na semana passada na Toca da Raposa e percebeu o clima de tranquilidade e alegria que envolve a concentração da seleção brasileira, não pode compreender a utilidade do anacrônico regulamento que a comissão técnica fez circular, sigilosamente entre os jogadores. Editado num livreto branco com o escudo da C.B.F na capa, este regulamento que contém 7 artigos e 20 parágrafos dita as normas de comportamento que os jogadores deverão seguir daqui até a Copa do Mundo. Dessa iniciativa, não se pode dizer propriamente que honre a C.B.F, nem sua saneadora gestão e muito menos o apelido de “seleção da abertura” com o que foi brindado o time de Telê em homenagem ao promissor momento político que vive a Nação. Em seu vigésimo parágrafo, por exemplo, o artigo segundo inclui entre os deveres do atleta “apresentar-se sempre adequadamente uniformizado, com cabelos cortados e penteados; não permanecer nos hotéis ou nas concentrações junto aos bares, copas ou cozinhas”...

O parágrafo 16 recomenda “não tecer comentários ou dar entrevistas sobre o assunto de ordem interna da seleção ou que digam respeito a particularidades da organização esportiva dos países visitados ou entidades adversárias...”

Sentado no seu quarto na Toca da Raposa, um importante jogador da seleção – que, por razões óbvias, pediu anonimato – leu o livreto e comentou:

– Isso aqui é um lugar de adultos com regulamento para meninos de escola pública.

De fato, na insistência com que se repete a palavra NÃO – 15 vezes, este regulamento parece irmão gêmeo daquele que policiou as ações da mesma seleção brasileira na Copa de 1978. Não poderia haver pior modelo. No Mundial da Argentina, nosso futebol ainda padecia sob a desatinada administração da C.B.D, e em termos gerais, o Brasil só conhecia a distensão do Governo Geisel, que só meses depois evoluiria para a “abertura de Figueiredo”. Mais grave do que desconhecer essas mudanças, porém é tomar esse grupo de pessoas muito menos sério e responsável do que ele realmente é. João Medrado Dias, diretor de futebol da CBF e autor do regulamento não pensa assim e fez sua defesa:

– “O regulamento foi feito apenas para mostrar ao público externo a nossa preocupação com a conduta da seleção, até mesmo para influenciar os juizes que notarão a nossa preocupação em educar os nossos jogadores” (PLACAR, n. 624, p. 56-57)

6 No que diz respeito aos conceitos de representação coletiva e nação, trabalho predominantemente com os referenciais teóricos contidos nas obras de Benedict Anderson (comunidades imaginadas) e Eric Hobsbawm (invenção das tradições e Nações e Nacionalismos).

Mas apesar da controversa cartilha apresentada na reportagem citada, segundo o jornalista Alberto Dines,⁷ em matéria publicada após a derrota diante da Itália, o Brasil com seu suposto estilo de jogo alegre e festivo, estereótipo do futebol brasileiro propagado mundialmente, além da postura da comissão técnica, que segundo ele, estabeleceu uma relação amistosa com a imprensa estrangeira, teria “dado aulas de democracia” à anfitriã do Mundial:

O que acontece com a Espanha redemocratizada – perdeu o interesse pelo futebol ou perdeu a paixão? A Espanha democratizou-se, distribuiu suas paixões, espalhou seu ardor, criou opções para a devoção e para o entusiasmo. Se antes do futebol o povo espanhol colocara seu fanatismo nas touradas, desconcertando sua potência de vibração, agora com um país absolutamente aberto, o clubismo substituiu-se pelo partidarismo e outros ismos.

Na Espanha, não esqueçamos, ainda sob o regime de Franco, começaram as comunidades de vizinhanças (as nossas associações de bairro), onde a disposição de “torcer” é dirigida a questão primacial – sobrevivência. Com a democratização surgiu o problema das autonomias regionais que no País Basco ou aqui na Catalunha, absorve grandes cargas de emoções e empenho.

O futebol aqui é importante. Tão importante que os clubes desempenham grande papel social (vejam o Barcelona com seus 120.000 associados). Mas não existem estádios públicos – em outras palavras, não há interferência do poder e do Estado, seja para estimular, seja para manejar o Estado.

Curiosamente – por um destes paradoxos que os cientistas políticos melhor poderiam explicar – a nossa seleção tem dado aulas de democracia. O futebol-alegria que apresentamos, o virtuosismo pessoal harmonizado por táticas extremamente simples e inteligentes é, na realidade, uma escola liberal e liberada, conjugação de indivíduos e coletivo, físico e cérebro. Pé e calcanhar. Estamos praticando um futebol fisiocrático cujo lema bem que poderia ser “laissez faire, laissez jouer”, cujos patriarcas são muitos e, entre eles, não se pode deixar de mencionar João Saldanha.

Não apenas com o belíssimo futebol oferecemos lição de descontração e entendimento, mas também no relacionamento com a imprensa. Enquanto, explodem crises entre as diversas delegações e a fina flor do jornalismo internacional (as mais notórias envolvendo franceses, italianos, e naturalmente argentinos), a chefia da delegação e a Comissão Técnica optaram por algo totalmente inédito no Brasil, mas rigorosamente corriqueiro em qualquer país civilizado: a imprensa goza de toda liberdade até fartar-se. Telê, os jogadores, Giulite Coutinho e Medrado Dias armaram-se de uma fantástica dose de paciência e respondem a cada uma das 30 entrevistas que lhes fazem por dia. (PLACAR, n. 633, p. 4-5)

Analisando objetivamente ambas as reportagens, acredito que nem a cartilha representou concretamente uma intervenção autoritária nem o bom futebol praticado pela seleção brasileira até ser eliminada, chamado por Dines de “futebol-alegria”, deve ser interpretado acriticamente como uma “escola liberal e liberada” propagadora de ideais democráticos.

Todavia, o que é possível identificar é que existe uma tentativa de estabelecer também em diversas outras reportagens da revista, além do editorial e das colunas específicas abordadas no item anterior, um discurso que enseja uma metáfora do papel político exercido por uma representação coletiva que seria o futebol-arte. Esse suposto estilo de jogo essencialmente brasileiro é no contexto histórico do início dos anos oitenta associado à própria aspiração democrática.

Outrossim, existe uma exaltação da mobilização social que se consolida inclusive em declarações de “celebridades” e personalidades políticas, como na seção “Gente” do número

⁷ O jornalista Alberto Dines não era enviado especial da *Revista Placar* à Espanha e teria ido como correspondente da revista masculina *Playboy* para escrever “O Romance da Copa”.

625, p. 16-18 que tem como título: “A Copa do Mundo mobiliza todas as estrelas da constelação brasileira. Além das 22 que lutarão diretamente pelo título nos gramados espanhóis, inúmeros outros permanecerão no Brasil não menos tensos, à espera da vitória. Torcer, manter as superstições e rezar, são algumas das muitas maneiras de participar de uma Copa do Mundo”. Dentre essas “estrelas” gostaria de destacar algumas afirmações polêmicas ou ao menos curiosas:

- Pretendo ver todos os jogos e beber muita cerveja. O PT não terá programação nos dias de jogos da seleção, porque gostamos de futebol. Ao contrário do que se pensa o futebol não aliena. O povo já sabe que título mundial não enche barriga. (Lula – Presidente do PT)
- De maneira alguma deixarei de participar deste plebiscito nacional. Este momento de união supera todas as formas de avaliação democrática dos anseios populares. A vitória na Copa será a oportunidade para a redemocratização do país. (Alceu Amoroso Lima – Escritor e líder católico)
- Se índio participasse da Copa, eu até assistiria. Seria muito gozado. Como não participa estou preocupado com o que pode acontecer nas Malvinas. Torço pelo Brasil, mas não saio da minha rotina. Não verei televisão, nem escutarei rádio (Orlando Villas Boas – Sertanista e indigenista)
- Sei que o futebol anestesia o povo, mas meu lado masculino ama o futebol. Vou torcer muito, apesar dos males que a conquista do título possa trazer ao país. Mas, afinal é com a seleção que o país melhora a imagem no exterior. (Rogéria – Travesti)
- A Copa do Mundo é instante de apaziguamento dos espíritos, um momento singular na vida dos povos. Para nós brasileiros, é a hora ecumênica da vida nacional, e a unificação de todos em torno do objetivo de vitória. A Copa unifica, consolida e fortalece o espírito de união nacional. Onde quer que eu esteja vou parar para ver os jogos e torcer pela televisão. (Tancredo Neves – Político)
- Acho que desta vez, ao contrário das duas últimas Copas, o técnico está respeitando a criatividade do jogador brasileiro. Telê restituiu a malícia e a improvisação no nosso futebol. (Jorge Amado – Romancista)
- Os dias de jogos são dias de festa, de união entre os brasileiros. O arcebispo de São Paulo tem a mesma história dos homens das ruas, que já participou de rachas e peladas. Por isso já pedia a irmã secretária que ajeite os compromissos para que eu não incomode ninguém nem seja incomodado durante os jogos. O Brasil precisa de nossa torcida e orações. (Dom Paulo Evaristo Arns – Cardeal de São Paulo)
- Não verei Copa do Mundo, não verei seleção, não verei futebol. Índio tem coisas mais importantes para resolver. Índio está preocupado com a terra, com fome, com sobrevivência. Copa do Mundo e futebol são maneiras de governo distrair o povo. Juruna vai fazer campanha para deputado. Juruna não faz demagogia. Só não gosta de futebol. (Cacique e candidato a deputado pelo PDT)
- Não sei se na hora do jogo, serei eu, o Pantaleão ou o Coalhada que ficará em frente da teve, porque meu ritmo de trabalho é intenso. (Chico Anísio – Humorista)

Apesar da natureza caricata de algumas declarações, elas espelham debates importantes sobre a relação entre o futebol e a Nação naquele momento histórico. A discussão muito presente no período sobre o futebol como ópio do povo ou elemento de integração pode ser percebida entre aqueles que defendem veementemente o esporte como Lula, Tancredo Neves, Alceu de Amoroso Lima e o próprio Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, ou em comentários negativos como o do cacique Juruna ou da travesti Rogéria. A questão do estilo de jogo do futebol brasileiro é levantada por Jorge Amado e a onipresença da televisão percebida nos comentários de Chico Anísio e Osvaldo Vilas Boas.

4. Considerações finais

O presente artigo buscou estabelecer reflexões sobre a cobertura da *Revista Placar* nas Copas do Mundo realizadas na Argentina e na Espanha, apontando os possíveis desdobramentos críticos ensejados tanto nos editoriais quanto em reportagens isoladas.

Em 1978, a elevação de alguns jogadores à condição de heróis (Reinaldo, Rivelino, Dirceu, etc.) devido a uma suposta postura “rebelde” no campo ou nas entrevistas, que pareciam contrárias à disciplina e ao autoritarismo do regime, na minha interpretação é exagerada. Todavia simboliza a conjuntura política em que se encontrava o País e a possibilidade de flexibilidade que uma revista esportiva pode atingir mesmo em períodos ditatoriais.

A depreciação do treinador, ex-capitão do Exército, Cláudio Coutinho e de seu planejamento tático, influenciado por modelos e teorias importadas, que foi reduzida à expressão “futebol-força”, parece estar em uma lógica de privilegiar a liberdade em detrimento da ordem e de qualquer alusão a referências da caserna.

Utilizando boas ironias e estereótipos do suposto estilo de jogo brasileiro de praticar futebol, a cobertura futebolística do torneio pelo periódico transcende os gramados e adentra nas aspirações sociais de redemocratização e acusações veladas ao regime militar. O treinador oriundo dos quartéis passa a personificar a decadência da ditadura e o fracasso futebolístico brasileiro adquire contornos ideológicos.

As declarações dos atores Mario Lago e Dênis Carvalho à revista após o torneio na Argentina são emblemáticas do espírito irônico vigente e ao mesmo tempo que se constituem em críticas à ditadura apontam problemas táticos da equipe:

Craneando calmamente sobre nossa seleção cheguei a conclusão de que faltaram duas coisas: esquerda e diálogo. O que aconteceu portanto foi um problema ideológico. Nessa comissão técnica de alto a baixo, de Heleno Nunes a Coutinho você nota que ninguém topa a esquerda e nem está muito a favor do diálogo, daí resultando o isolamento de nossos pontas-de lança. (MARIO LAGO)

O longo tempo de concentração e militarização de nosso futebol desfiguraram a seleção. Isolados e ouvindo o monólogo de Coutinho, os jogadores só podiam mesmo virar robôs. Despersonalizados, impedidos e criar jogadas geniais, quando os gols surgem naturalmente, nossos jogadores se perderam. Só podia dar no que deu. (DÊNIS CARVALHO)

Em contrapartida, nenhuma outra seleção brasileira foi tão aclamada como o time de Zico, Sócrates, Falcão, Júnior, Cerezo, Leandro, Éder, etc. nos últimos 32 anos. Mesmo as equipes que se tornaram campeãs do mundo em 1994 e 2002 não possuem a aura e o reconhecimento metafísico do estilo brasileiro de jogar futebol, salvo exceções individuais como Romário e Bebeto na Copa dos Estados Unidos ou Ronaldo e Rivaldo na “Família Felipão”.

Mas será que futebolisticamente, apesar da retórica da alegria e da beleza do futebol-arte brasileiro, o que deve predominar racionalmente no inconsciente coletivo não é a tristeza e a lamentação de constatar que essa ótima seleção se constituiu em uma exceção? Ela foi uma das maravilhosas equipes que aparecem esporadicamente no futebol mundial e que, infelizmente para nós brasileiros, não conseguiu ganhar uma Copa.

A construção estabelecida no discurso da *Revista Placar* em 1982 entre o futebol “alegre e artístico” praticado por essa equipe e os princípios de uma sociedade democrática vindoura não representaram também a utilização do futebol como um discurso político? Nesse momento de transição, o esporte mais popular do País deixa de ser ópio para se tornar um biotônico energético.

Mesmo com a derrota, essa seleção tinha de permanecer exaltada, pois naquele momento ela era a metonímia de uma Nação que saía da “tristeza” de uma ditadura e caminhava para a “festa” da democracia.

Referências

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COUTO, Euclides de Freitas. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978). *Revista Digital Recorde de História do Esporte*, jun. 2010. Disponível em: < http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV3N1_2010_12.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro(1930-1978)*. Niterói: Editora UFF, 2014.

HOBSBAWN, Eric J.; RANGER, Terence. *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LE GOFF, Jacques. Memória. *Enciclopédia Einaldi Memória – História vol. I*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LUCA, Tânia Regina. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

MALAIÁ, João. Placar: 1970. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELO, Victor (Org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina: 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Vintiuno Editores, 2011.

PLACAR. Edições 415-428 e 620 até 634.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, 2001.

SÍMON, Juan Antônio. *España 82 – La historia de nuestro mundial*. Madrid: T e B Editores, 2012.

SIMÓN, Juan Antonio. El Mundial de fútbol de 1982: Escaparate de la nueva democracia española. Disponível em: <http://www.upo.es/revistas/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/538>. Acesso em: 12 abr. 2014.